

Pesquisa FGV

Pobreza cai, mas ainda atinge 42,57 mi

Variação no nível recua 19,18% no período de 2003 a 2005 contra uma redução de 18,47% entre 1993 e 1995

Rio (Folhapress)

A proporção de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza caiu para 22,77% em 2005, segundo dados do Centro de Políticas Sociais da FGV (Fundação Getúlio Vargas). Em 2002, essa participação era de 26,72%. Apesar da melhora, o país ainda tem 42,57 milhões de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza, fixada em R\$ 121 de renda per capita. Segundo Marcelo Neri, economista da FGV, a receita da queda da miséria e da desigualdade verificada nos últimos anos não é sustentável.

A miséria caiu 14,8% no governo Lula, um resultado inferior ao verificado na primeira gestão de Fernando Henrique Cardoso, quando a queda chegou a 23,02%. A análise do ritmo de queda anual, no entanto, revela um patamar similar. No mandato de Lula, a miséria caiu 5,2% ao ano, contra recuo de 5,1% no período de 1993 a 1998.

Para o economista, a combinação de programas de transferên-

cia de renda com aumento do salário mínimo não é uma receita eficaz. "Não é uma trajetória sustentável, estamos aumentando os gastos fiscais, e a carga tributária é bastante alta para um país como o Brasil. A sociedade não aguenta mais imposto, que pressiona juros e trava o crescimento", disse.

Na avaliação de Neri, o aumento do mínimo é um instrumento de custo elevado no combate à pobreza e não atinge as pessoas mais pobres. Em 2005, os 50% mais pobres recebiam R\$ 123,47. O caminho para uma trajetória consistente de redução das diferenças entre os mais ricos e os mais pobres deveria passar por um aperfeiçoamento do Bolsa-Família, na avaliação do economista. "A cada R\$ 1 gasto com o programa, você reduz duas vezes e meia mais do que o mesmo valor gasto com o aumento do mínimo." A expansão do programa de transferência de renda não deveria ocorrer por meio de um aumento do número de beneficiados, e sim por uma melhora na qualidade dos cadastros para que os

► contemplados fossem realmente os mais pobres da população, segundo Neri.

REAL - O economista considera o período de 2003 a 2005 como um segundo Plano Real, com aumento do emprego formal, redução da pobreza e da desigualdade. A melhora dos indicadores foi proporcionada pela combinação de inflação menor para os mais pobres, expansão do Bolsa-Família e alta do mínimo.

Neste período a miséria caiu 19,18% contra uma redução de 18,47% entre 1993 e 1995. A comparação entre os governos de Lula e Fernando Henrique mostra que o primeiro teve uma atuação mais voltada para os mais pobres, e o segundo, uma política benéfica para o conjunto da população.

"FHC fez políticas mais horizontais, que afetaram todos os brasileiros. No final do governo criou programas de transferência que foram aprofundados no governo Lula, que se preocupou mais com os mais pobres. A gran-

de vitória deste governo foi a continuidade da política econômica e social". As diferenças na apropriação da renda ainda são drásticas. Em 2005, os 50% mais pobres respondiam por 14,1% da renda no país. Já os 10% mais ricos representavam 45,1% da renda.

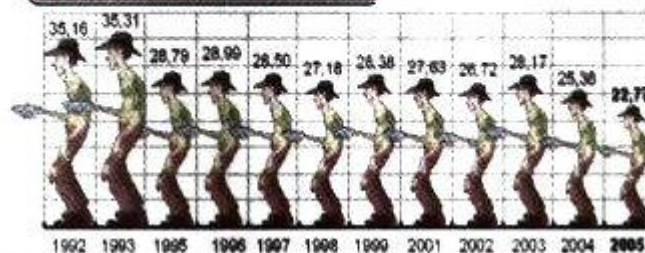
Os dados da FGV mostram ainda que a miséria nas metrópoles voltou a retroceder. Em 2005, ela recuou para 16,22%, mas ainda é maior do que em 1995, quando atingia 15,07% da população. "Pode ser um indicio de fim da crise das cidades", avalia. A miséria rural manteve a trajetória de queda, mas ainda atinge 45,74% no campo.

MÍNIMO - Na avaliação da pesquisadora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) Lena Lavinhas, a alta do mínimo atinge os brasileiros que ganham menos por meio da indexação de salários informais. Para ela, a consequência do abandono do mínimo seria a perda do poder de barganha dos trabalhadores mais pobres, em especial as mulheres.

MISÉRIA NO BRASIL

Pesquisa da FGV (%)

EVOLUÇÃO DO NÍVEL DE POBREZA



VARIAÇÃO NO NÍVEL DE POBREZA

1993-1995	-19,24
2003-2005	-19,18

REDUÇÃO DA POBREZA

Governo	Por ano
Fernando Henrique Cardoso	6,1
Luiz Inácio Lula da Silva*	6,2

(*) Até 2005

POPULAÇÃO MISERÁVEL

	Rural	Metropolitana
1993	62,79	22,16
1995	58,50	15,07
2003	52,31	21,25
2005	46,74	16,22

42,57
milhões de brasileiros foram considerados miseráveis, de acordo com a pesquisa da FGV

10,68%
queda da pobreza em 2005, ano que registrou a maior redução desde 1995

Estudo "Miséria, Desigualdade e Estabilidade: O Segundo Real", feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). O levantamento foi feito a partir dos dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), divulgada pelo IBGE, e considera pobre todo brasileiro com renda individual de até R\$ 121 por mês

Fonte: FGV

© GRAFIC